



Auã Bae Porã, a terra prometida dos guaranis

Peregrinação começou no Sul há mais de 40 anos

Os guaranis percorreram alguns milhares de quilômetros em busca da Terra dos Sem Males (Auã Bae Porã). A odisséia começou na década de 40, partindo do posto indígena de Guaratiba, em Guarapuava, no Rio Grande do Sul, em direção ao Norte. Três grupos de guaranis acompanhavam o então pajé Miguel Venites, primeiro marido de Tatanti Wua Reté, que hoje tem mais de 90 anos e ainda mora na reserva de Boa Esperança. A primeira "escala" dos guaranis foi em Pelotas, Rio Grande do Sul.

Daí partiram para São Paulo, onde foram recolhidos pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio, ao povoado de Tariri, onde permaneceram por quase uma década. Quando Venites retomou a marcha, apenas um dos grupos o acompanhou. O restante permaneceu naquele povoado.

A próxima parada foi em Parati, no litoral sul-fluminense. Eles ficaram por lá uns cinco anos e, como conseguiram viver melhor por lá, o



Aurora, filha do cacique da tribo guarani em Boa Esperança

grupo se dividiu mais uma vez. Alguns preferiram permanecer em Parati. Mas Miguel Venites morreu pouco depois do reinício da peregrinação em Tairi e sua mulher Tatanti casou-se com Warai Tudia (o atual cacique). Tudia resolveu permanecer em Parati e não acompanhou os guaranis, que partiram junto com sua mulher Tatanti.

Os incansáveis guaranis acredita-

vam na Terra dos Sem Males. O que restou deles caminhou outras centenas de quilômetros até chegar a Caieiras Velha, em Aracruz, em 1962. Mas a odisséia não terminou aí. Com a implantação da Aracruz Celulose, os conflitos de terras expulsaram novamente os guaranis de sua Terra dos Sem Males. Mais tarde foram recolhidos pela Funai no litoral capixaba, que os confinou em uma reserva indígena em Carmezia, em Minas Gerais.

Em 1977, o grupo fugiu da fazenda Guarani, em Carmezia, e retornou a Caieiras Velha, onde finalmente se instalou às margens do rio Piraquê-Açu. Tatanti deu por encerrada a marcha, acreditando que ali era realmente a Terra dos Sem Males. Como uma bênção de Yanderu Tupã, ao chegar pela segunda vez a Caieiras Velha, Tatanti encontra seu marido Warai Tudia entre os remanescentes tupiniquins.

Mais tarde, no final da década de 70, eles se instalaram ao lado Sul da reserva e fundaram a aldeia de Boa Esperança. Os 48 guaranis se multiplicaram e hoje, maltrapilhos e famintos, já são cerca de 100. Mas o que mais chama a atenção é que, apesar da ilusão ter cedido à realidade, os guaranis permanecem unidos e, acima de tudo, identificados com as suas tradições culturais.



O sonho acabou para os guaranis. Depois de uma marcha que durou 40 anos e que atravessou cinco

Estados, os guaranis finalmente encontraram sua terra prometida (Auã Bae Porã), quando se instalaram nas reservas de Caieiras Velhas e Boa Esperança, em Aracruz, há pouco mais de uma década. Hoje, a fome e a miséria fazem parte da realidade dessa tribo. Não existe mais caça na mata e o pouco que os guaranis produzem em suas lavouras nem sempre é suficiente para alimentar a todos. O artesanato é produzido pelas mulheres e vendido aos turistas. Esta é a alternativa de sobrevivência para toda a tribo.

A aldeia de Boa Esperança fica a pouco mais de 100 metros da Rodovia ES-40, que corta todo o litoral. Mas mesmo com essa proximidade com os brancos, os guaranis mantêm suas tradições culturais, com seus rituais e festas. O cacique

disso, o cacique afirma que os guaranis se alimentam basicamente de sua produção agrícola, ou seja, farinha, feijão e arroz quando tem. As crianças são amamentadas até os dois anos de idade e depois dificilmente tomam leite. Não há dinheiro suficiente para isso.

Os índios guaranis sobrevivem do comércio do artesanato, já que dificilmente há excedente da produção agrícola que possa ser vendida. As mulheres fazem arco e flecha, cestos de palha, chocalhos, lanças e colares. Os preços variam de NCz\$ 1,00 até NCz\$ 50,00.

Mas, apesar da miséria, os guaranis mantêm a religiosidade. Adoram o seu Deus, Yanderu Pupã, e mantêm todos os seus rituais religiosos. Segundo Auare Tuí, Yanderu ajuda não só os guaranis mas também os brancos. O desejo de toda a tribo é que haja um futuro melhor para todos. Os guaranis também são adoradores do sol, da lua e das estrelas e são seguidores da medicina indígena. Todos os problemas de saúde são tratados com ervas, raízes e outros produtos naturais.

Tupiniquins já perderam a identidade cultural

Ao contrário dos guaranis, os tupiniquins perderam completamente a sua identidade cultural. Na reserva de Comboios, pelo menos, as raízes se perderam no tempo. A miscigenação tomou conta e o que se vê, hoje, são remanescentes dos tupiniquins, cuja fisionomia é mais semelhante com a dos caboclos. A miséria chegou e parou na reserva. Esses remanescentes dos tupiniquins sobrevivem de produção de farinha de mandioca, que é vendida na Vila do Riacho. Não há produção de artesanato, que poderia ser outra alternativa de sobrevivência.

Hoje, são cerca de 310 índios que vivem na reserva de Comboios. A grande maioria nem fala mais o tupi-guarani. A única manifestação cultural existente entre esses tupiniquins é o congo, de origem africana. Na reserva de Comboios, os tupiniquins perderam tanto a sua identidade que o local mais se parece com uma vila pau-

pérrima, de casebres de madeira, farinheiras e de aspecto sujo.

Os remanescentes indígenas não mantêm nem o próprio nome em tupi-guarani. Tudo por lá é em português e o sistema de produção é individual. Segundo o tupiniquim Francisco Coutinho, cada família cuida de sua roça, colhe a sua safra e depois produz a sua farinha. Francisco reclama que o preço está muito baixo, (o saco de farinha é vendido a NCz\$ 25,00 na Vila do Riacho) e não dá para comprar quase nada. Esse tupiniquim também reclama do solo. "Aqui só dá para plantar mandioca. Assim mesmo dá muito pouco". É que o solo da reserva é muito arenoso.

A Funai mantém um posto e uma escola nesta reserva. Segundo o enfermeiro Isaac Barbosa Axer, o maior problema em Comboios, hoje, é o alto índice de verminose. São consumidos por mês cerca de 1.000 comprimidos, mas como não há nenhum tipo de sistema sanitá-

rio na aldeia, os remédios não solucionam o problema.

As mulheres da tribo reclamam de má sorte. Maria Vitória Barbosa, 73 anos, cega por carência de vitamina A, afirma que a vida anda difícil na aldeia. A água é ruim, falta cobertores, comida, tudo. A base da alimentação é a farinha de mandioca. Ela afirma que as crianças raramente tomam leite. E apesar da pesca ser abundante, Maria Vitória diz que é difícil comer peixe. Por incrível que pareça, os tupiniquins não fazem mais parto de cócoras. Os filhos nascem todos em hospital pelo método tradicional dos brancos.

A área da reserva de Comboios é belíssima. Para se chegar à aldeia é necessário atravessar um rio, de barco. São 2.545,8 hectares de terras. A caça é rara por lá, mas a pesca é abundante. O local permite até duas opções: rio e mar. Segundo o responsável da Funai, a reserva tem uma praia a cerca de 15 quilômetros da aldeia.



Os tupiniquins são tipicamente do litoral. No século XVII estes índios e outros do tronco linguístico tupi-guarani foram aldeados pelos jesuítas. Em 1610, receberam da coroa portuguesa a doação de uma sesmaria de terra, demarcada em 1760 e que tinha aproximadamente 61 quilômetros no sentido Norte-Sul e 49 quilômetros no sentido Leste-Oeste.

Mas, com o desenvolvimento a maior parte de suas terras foi ocupada, inclusive com o surgimento de várias cidades e povoados. Até os anos 60, os tupiniquins conservaram ainda cerca de 40 mil hectares. Com a implantação da Aracruz Celulose, sete aldeias desapareceram e os índios se refugiaram nas três ainda existentes. Muitos outros se dispersaram nas cidades e povoados vizinhos.

A posse pela terra gerou sérios conflitos. Em 79, os tupiniquins ocuparam uma área de 55 alqueires de mata, de posse da Aracruz Celulose e exigiram da Funai a devolução das terras. Eles conseguiram o reconhecimento através de uma portaria ministerial, de 6.500 hectares, divididos em três áreas separadas. Esta medida foi contestada pela empresa, e os índios realizaram por conta própria, a demarcação das áreas. Em 81, por pressões da empresa e da Funai os tupiniquins aceitaram um acordo, que reduziu suas terras em 2.000 hectares em troca de uma indenização em dinheiro paga pela Aracruz Celulose.

A Funai convenceu os índios de que a perda de grande parte da terra seria compensada com projetos econômicos e sob orientação desse órgão. Eles em-

pregaram o dinheiro da indenização na aquisição de trator, debulhadeira, barcos, redes, casa de farinha elétrica. A Funai coube apenas o encargo de fornecer óleo para o trator, sementes e adubos para as lavouras. Por um período, a produção dos tupiniquins aumentou muito e os excedentes podiam ser comercializados. Mas com o tempo, muitos foram saindo da aldeia à procura de empregos.

Com o passar do tempo, a questão da terra foi caindo no esquecimento e a Funai retirou sua ajuda dos projetos. Restou aos índios buscar a sua sobrevivência. Atualmente, os tupiniquins utilizam muito pouco suas máquinas e abandonaram as roças grandes. Hoje, estão em condições de extrema pobreza e perderam também a sua identidade cultural.

Kuarai Tudia afirma que todos os membros da reserva são obrigados a falar o guarani. Para ele, a tribo tem que conservar suas raízes, não esquecer sua história e passar todos os costumes para as novas gerações.

Sobrevivência

A miséria parece que chegou e parou na reserva de Boa Esperança. A aldeia é um amontoado de estuques com telhados de palha. Os guaranis mantêm a sua "casa das rezas", uma espécie de templo, que também serve de residência ao cacique e sua mulher Tatanti. São atualmente 26 famílias que moram na reserva, totalizando cerca de 100 pessoas. A caça é coisa rara, "muito difícil", afirma Verá, que chegou há quatro meses do Rio Grande do Sul. O índio denuncia que, quando aparece algum animal na mata, quem caça é o homem branco. Verá, otimista, diz que a vida na aldeia é boa, já que há plantação de banana, mandioca e feijão. Tudo é feito coletivamente entre os homens e depois da colheita toda safra é repartida entre as famílias. Mas o cacique Tumba reclama que não é fácil manter a produção atual de 52 sacas de farinha de mandioca, já que todo o processo é feito artesanalmente. "O Governo precisa ajudar o índio. O branco tem trator, tem fábrica, tem tudo. O índio não tem nem como arar a terra", além

SUPERMERCADOS ARACRUZ

Parabeniza Aracruz pela passagem dos seus 141 anos de emancipação política.

Av. Venancio Flores, 1129
Aracruz - Esp. Santo - Tel.: 256-1744

SERFRIL

Onde seu dinheiro vale mais.
Ao lado da passarela.
Rua dois N° 01 - Aracruz
Fone (027) 256-1729
Deseja aos visitantes Boas Festas.

NUTRIAL

Rações, adubos, produtos agropecuários - EQUIPAMENTO PARA IRRIGAÇÃO.

Tel.: 256-1622 - Aracruz - Esp. Santo.



CLUBE DE DIRETORES LOJISTAS DE ARACRUZ

Parabeniza Aracruz pela passagem de mais um aniversário. Através de seus Diretores.
ARACRUZ - Esp. Santo



LOJAS IDEAL

Parabeniza Aracruz pela passagem de mais um aniversário de emancipação política

CENTRO - ARACRUZ - ES

A Aracruz está comemorando 141 anos de emancipação política. Para festejar esta data, desde ontem, o município está em clima de festa. Hoje, dia do padroeiro da cidade — São João Batista — a programação começa com o toque de alvorada, às 5 horas, pela

banda de música da Polícia Militar.

Às 8 horas começa a XV corrida rústica municipal, reunindo homens e mulheres no percurso entre Aracruz e Ibiracu. Os prêmios variam de NCz\$ 100,00, NCz\$ 70,00 e NCz\$ 40,00 para os três primeiros lugares masculinos e até o segundo lugar feminino.

Depois, às 10 horas, o bispo auxiliar de Vitória celebra uma

missa solene na igreja matriz São João Batista. Uma gincana cultural começa às 13 horas, seguida de procissão da imagem de São João Batista pelas ruas do centro, às 16 horas. Às 18 horas, será a vez do show Xuxelândia, com a Xuxa Capixaba e sua turma.

Festa

Ainda hoje, às 20 horas, haverá apresentação da Banda Pós-

Mania. O cantor Ruy Maurity fará seu show logo a seguir. Para os boêmios, haverá um baile, a partir das 23 horas, na Associação Atlética Banco do Brasil. A animação ficará por conta do Conjunto TB-6, do Rio de Janeiro.

Amanhã será a vez de um passeio ciclístico, a partir das 9 horas. À tarde a criançada poderá deitar e rolar, a partir das 13 horas, na praça do Mercado, com palhaços,

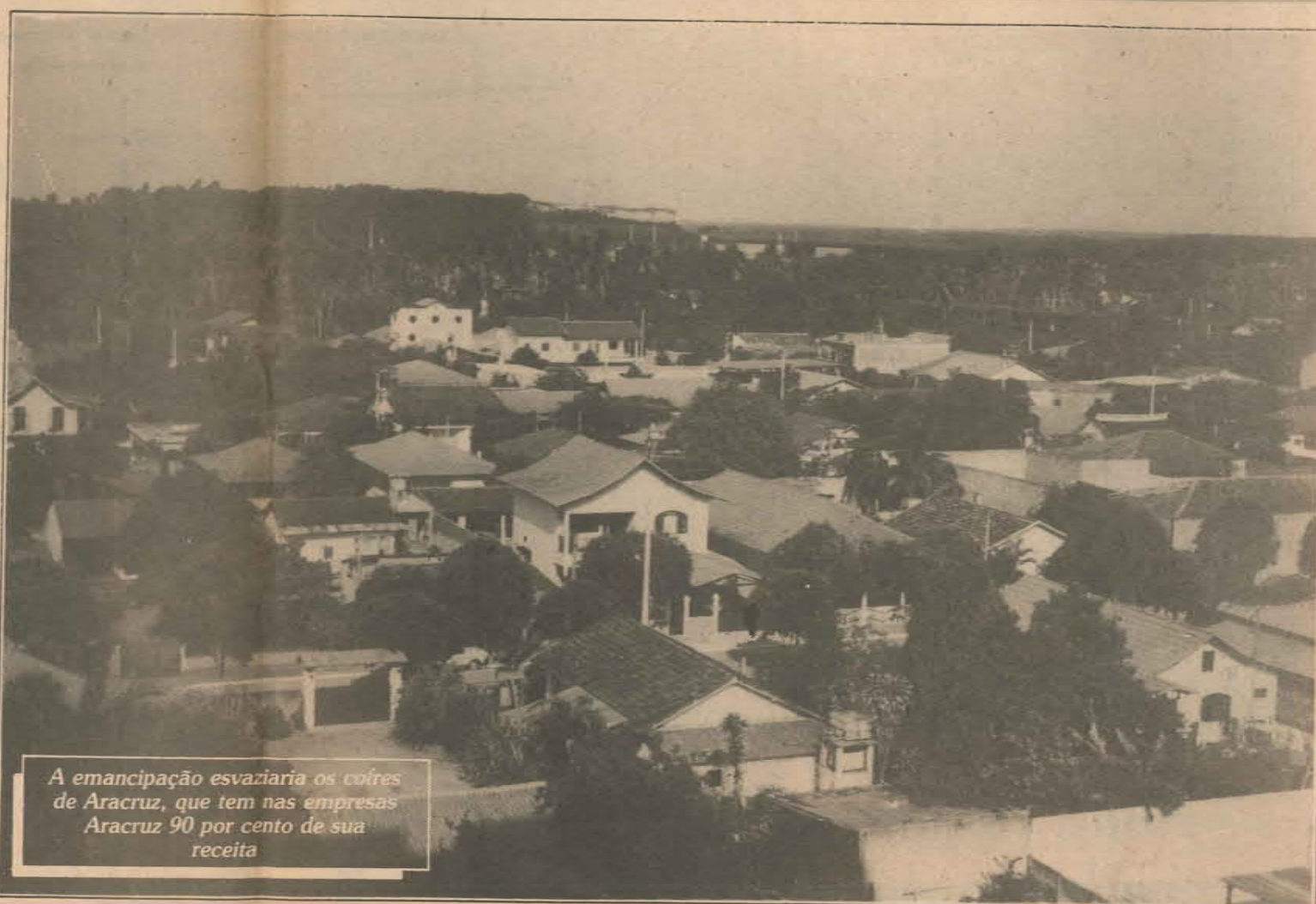
brincadeiras e distribuição de balas. Às 15 horas, no estádio do Bambu, o Sauassu disputa com a Desportiva Ferroviária. Às 17 horas, o grupo Ratos de Palco fará um show infantil e, às 18h, haverá sorteio de uma ceia gigante. Tudo isto acontecerá na praça do Mercado, onde, às 19 horas, a Academia Corpo e Movimento fará uma apresentação. Às 20 horas, a Banda Woops fará um

show e animará um baile público. O encerramento da festa está programado para as 23 horas com show pirotécnico. Ontem, na abertura dos festejos, os principais destaques foram: o show da cantora Rosana com direito a forró e tudo, o baile na sede social do Esporte Clube Sauassu, animado pela banda Reza Forte, além da apresentação do coral italiano de Guaraná.

Heraldo Musso condena a emancipação de Santa Cruz

O prefeito de Aracruz, Heraldo Barbosa Musso, é totalmente contra a emancipação de Santa Cruz, afirmando que o município não sobreviverá. Ele adverte que a própria legislação em vigor impede a emancipação de localidades quando a sede está ameaçada de perder a autonomia como município.

Se Santa Cruz for emancipada, Aracruz perderá 40 mil dos seus 60 mil habitantes e terá o território restrito à sede e aos distritos de Guaraná e Jacupemba — lugares distantes da cidade, às margens da BR-101 Norte,



A emancipação esvaziaria os coítes de Aracruz, que tem nas empresas Aracruz 90 por cento de sua receita



Uma comissão municipal criada pela Câmara de Aracruz e formada por seis de seus 17 membros, vai acompanhar o processo de emancipação de Santa Cruz da Fonte, que ameaça provocar o desmembramento de 10 localidades de Aracruz. Com exceção de dois deles, os vereadores são contra a formação do novo município e garantem trabalhar para impedir a iniciativa que, segundo eles, afetará drasticamente Aracruz.

A Comissão Temporária Especial foi criada a pedido do pedetista Ari Cabral Júnior. O próprio vereador participa da Comissão, juntamente com José Ângelo Coutinho Devens (PMDB), Iramar Foreche (PDT), Luís Carlos Coutinho (PMC), Carlos Roberto Bermudes Rocha (PFL) e Antônio Barcellos (PL). A

habitantes e terá o território restrito à sede e aos distritos de Guaraná e Jacupemba — lugares distantes da cidade, às margens da BR-101 Norte, em direção a Linhares. Além disso, retiraria também 90% da arrecadação, já que ficaria com os impostos do complexo industrial das empresas Aracruz. Se o novo município for criado, será constituído de 10 localidades.

Posicionamento

O prefeito justifica sua posição afirmando que o novo município também exigiria a construção de uma infra-estrutura para a sua administração, consumindo elevada soma de recursos financeiros, a curto prazo, e repercutindo os gastos em prejuízos para todos os aracruzeses. Além disso, segundo o prefeito, mais de 51% do território de Santa Cruz da Fonte ficarão como propriedade do grupo Aracruz.

Heraldo Musso justifica que “a possibilidade de surgimento do novo município inviabilizará o de Aracruz, porque este vive em termos do que recebe de impostos do grupo Aracruz e empreiteiras, complexo que ficará no território de Santa Cruz da Fonte”. Para o prefeito, “todos os distritos atualmente precisam ser melhor



Musso, de olho na legislação

aquinhoados com as rendas tributárias”. Garante que nestes cinco meses de administração, está “cuidando para elevar a arrecadação” para que todos os lugares possam receber mais obras.

No ano passado, a Prefeitura de Aracruz arrecadou 1,2 bilhão de cruzados antigos com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM). Para este ano, a expectativa é de que esses valores sejam dobrados com a receita do ICMS. O orçamento de 1989 é de NCz\$ 3,8 milhões. Dessa receita, 90% são esperados dos distritos de Santa Cruz, Vila do Riacho e Barra do Riacho, que sediam as empresas do grupo Aracruz e que ficariam incorporados a Santa Cruz.

Maioria dos vereadores é contra o desmembramento

O desmembramento de dez localidades de Aracruz, formando o novo município de Santa Cruz da Fonte, não acontecerá no atual período administrativo, para instalação em janeiro de 1993, conforme querem alguns políticos locais. É o que garante o vereador Carlos Roberto Bermudes Rocha, citando uma lei estadual em vigor desde o dia 12 do mês passado, exigindo a concordância da Câmara para que qualquer emancipação seja concretizada.

Dos 17 vereadores de Aracruz, 15 são contra a emancipação de Santa Cruz. O peemedebista Zezinho Scopel é favorável porque possui uma fazenda naquela região e tem seus eleitores concentrados mais em Santa Rosa e Biriricas. Além disso, ele afirma que não conta com o apoio do prefeito Heraldo Musso, já que estão em partidos diferentes. O outro a favor é o pefelista Valdir Vieira, alegando o abandono das localidades interioranas nos últimos anos.

O desmembramento tiraria de Aracruz a fábrica de celulose, fator de geração de impostos



participa da Comissão, juntamente com José Ângelo Coutinho Devens (PMDB), Iramar Foreche (PDT), Luís Carlos Coutinho (PMC), Carlos Roberto Bermudes Rocha (PFL) e Antônio Barcellos (PL). A pretensão destes vereadores é criar movimentos de base para que o assunto seja discutido com os distritos.

Denúncias

Para Ari Cabral, esses debates com a população terão que acontecer de modo livre e não através de reuniões secretas, como vem ocorrendo. O vereador afirma que há no pedido de emancipação alegações de que a sede de Aracruz vem se desenvolvendo com a presença da Aracruz Celulose, enquanto a região litorânea recebe parte desigual do orçamento da Prefeitura. Ari Cabral avalia que isso é verdade, já que a administração anterior não deu atenção àquela localidade. “Nos últimos seis anos os distritos de Barra do Riacho, Vila do Riacho, Santa Rosa, Santa Cruz e outros realmente ficaram esquecidos”, afirma. Ari Cabral afirma que, com a emancipação, Aracruz perderá a condição de município e isto impede legalmente o desmembramento. “A Secretaria da Fazenda comprovou a arrecadação, em 1986, de Cz\$ 24.143.002,43 de Santa Cruz/Vila do Riacho — quantia superior à exigida para emancipação, pelo artigo 2º da Lei Complementar nº 1, de 9 de outubro de 1967. Já Aracruz arrecadou no mesmo ano Cz\$ 11.865.614,22, quando a mesma lei exigia o dobro disto para a autonomia municipal.

Aracruz tem 60 mil habitantes

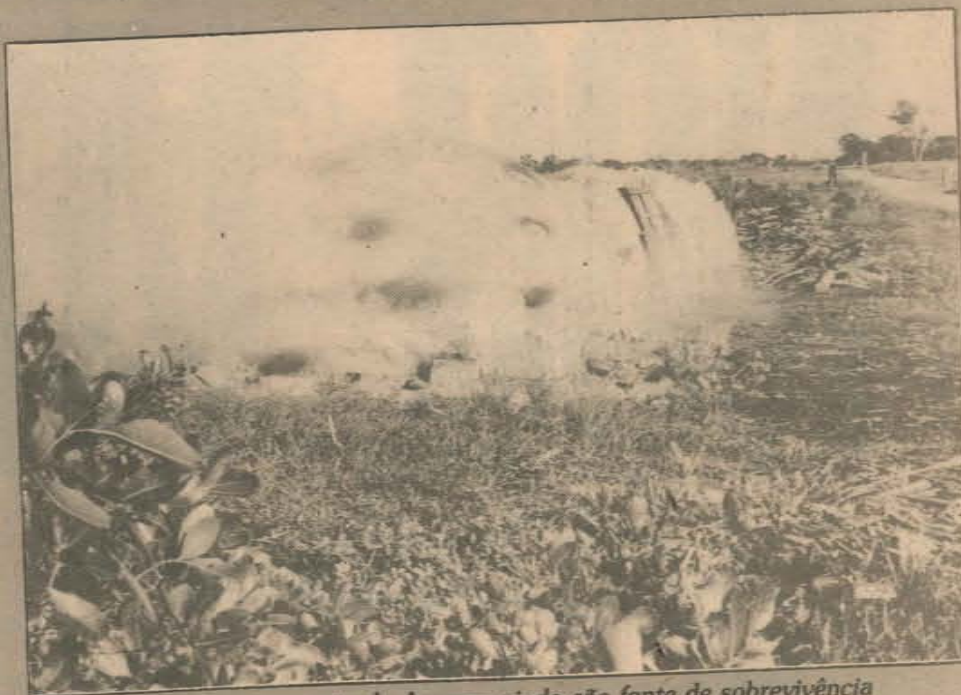
Aracruz é um município pacato de 60 mil habitantes e 21.196 eleitores. Está situado na chamada Microrregião 205, limitado ao Norte por Linhares, ao Sul por Fundão, a Leste pelo Oceano Atlântico e a Oeste por Ibirapu. Sua área total é de 1.398 quilômetros quadrados, duas quais 8.193 hectares são de propriedades rurais.

A produção agrícola prevista para este ano é de 1.790 toneladas de feijão (duas safras, março e outubro), 750 toneladas de milho, 925 mil de abacaxi, 60 mil toneladas de cana, 8.500 toneladas de mandioca, 3.360 mil cachos de bananas, 2.700 laranjas, 15 toneladas de cacau e seu principal produto, o café, terá uma safra de 2.607 toneladas.

As florestas vão produzir 1.091.398 metros cúbicos de eucaliptos, 8.400 metros cúbicos de lenha e 14.668.350 quilos de carvão. Suas reservas naturais produzirão 1.120.200 quilos de carvão, 1.350 metros cúbicos de lenha e apenas 630 metros cúbicos de madeira silvestre.

O município possui ainda 28.776 cabeças de boi e 10.760 de suínos. A produção de leite atinge 4.812.000 litros. A produção de mel está estimada em cerca de 3.180 quilos para este ano.

Aracruz tem apenas um hospital — a Fundação São Camilo —, 16 postos médicos e 10 odontológicos municipais. Tem apenas um posto do Iapas. São sete clínicas e consultórios médicos particulares, sete consultórios dentários particulares e um



Os fornos de carvão de Aracruz ainda são fonte de sobrevivência

Centro de Saúde de Vila Rica, que é estadual. São 12 creches municipais e apenas uma particular. Não existe nenhum orfanato no município e apenas um asilo, o Recanto do Ancião.

O município possui 11 entidades culturais: o Centro Social Urbano Bairro Jequitibá (CSU), a Associação dos Moradores do Bairro Jequitibás, a Associação Co-

munitária de Barra do Riacho, a União Banda de Congo Luzes do Arco Íris, o Centro Comunitário de Guaraná, o Grupo de Jovens de Guaraná, os Jovens Amigos a Serviço da Comunidade (Jacupemba), a Juventude Unida Católica Aracruzense (Juca), a Fundação Nacional do Índio (Funai) a Banda de Congo de Itaparica e a Banda de Congo de Vila do Riacho.

A arrecadação de impostos da Prefeitura de Aracruz deverá atingir neste ano NCz\$ 15 milhões. Mas, segundo o secretário de Finanças, Robério Ramalhete,

“orçamentariamente”, a Prefeitura está estrangulada, porque a previsão feita para o orçamento deste ano é de apenas NCz\$ 3,8 milhões, que já foram gastos nos cinco primeiros meses deste ano. A partir deste mês, o orçamento está sendo suplementado pela Câmara de

Vereadores num valor de NCz\$ 600 mil. Na verdade, segundo o secretário, o orçamento para 89 deveria ter sido fixado em torno de NCz\$ 9 milhões, apesar da arrecadação poder atingir NCz\$ 15 milhões. Esse equívoco gera um fenômeno, no mínimo curioso.

“Financeiramente a Prefeitura não está no vermelho, mas orçamentariamente sim”, afirma o secretário.

Metas

O secretário se diz confiante e afirma que uma de suas metas é com-

bater os sonegadores de impostos. “Estou trabalhando em cima das empreiteiras que trabalham na expansão da Aracruz Celulose para aumentar a arrecadação do ISS”. Ele informa que em dezembro do ano passado o total de receita de ISS foi de NCz\$ 65 mil e que a previsão para este ano é de NCz\$ 190

mil. “Vou fazer o possível para diminuir o índice de sonegação”. Outra medida que a Secretaria da Fazenda está tomando é em relação à correção das taxas do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). A previsão está orçada para NCz\$ 23 mil, mas a meta é arrecadar mais de NCz\$ 100 mil até 1990.

Malária, xistosa e doenças venéreas preocupam



Falta de chuvas afeta produção agropecuária

A falta de chuvas está afetando a produção agrícola de Aracruz. O principal produto, o café, terá uma queda de produção de 15 a 20% na atual safra, segundo o supervisor local da Emater, Cloves

Com a expansão da fábrica, a situação está piorando.

Segundo o supervisor da Emater, os produtores de feijão enfrentam como um dos maiores vilões, as

pragas, que acabam com as lavouras. Cerca de 80% da produção de feijão já estão totalmente irrigados no município, mas a falta de definição da política econômica do Governo federal deixa os



O secretário da Saúde culpa os migrantes pelas doenças como a malária, a xistosa e venéreas. O registro de casos tem aumentado, mas o poder público introduziu uma ação preventiva, exigindo inclusive carteira de saúde das mulheres do prostíbulo. No geral, a saúde vai bem, diz ele

Os migrantes que estão chegando em Aracruz atraídos pela expansão da Aracruz Celulose estão trazendo doenças que já estavam erradicadas, como a malária. Segundo o secretário da Saúde, Joelson Solestrini, estão sendo constatados de três a quatro casos de malária por mês e 15 de xistosa. “Essas doenças são trazidas por pessoas que vêm principalmente do Nordeste”, afirma o secretário. Além disso, tem se registrado aumento de incidências de doenças venéreas, principalmente na Barra do Riacho, onde está localizado uma zona de prostituição. “Mas todos esses casos são importados pelos migrantes”, denuncia. Na Barra do Riacho, há casos constantes de sífilis, blenorragia, cancro duro e cancro mole. Conforme o secretário, está sendo exigida a carteira de saúde de todas as prostitutas do local, exigindo-se exames clínicos, numa tentativa de solucionar o problema. O secretário avalia que a saúde, no geral, vai “bem” no município. Ele explica que todos os distritos possuem seus postos avançados de saúde para atendimento de emergência. Há apenas um hospital, o São Camilo, com 120 leitos e com boa infra-estrutura. Fora disso, tem um posto do Inamps e um Centro de Saúde de Aracruz. Joelson Solestrini afirma que a secretaria também vem atuando na medicina preventiva, através de vacinação e de palestras

Prefeitura promete atenção especial para os distritos

Barbosa de Oliveira. A previsão da atual safra é de 2.607 toneladas. O segundo produto agrícola do município é o feijão, com produção de três mil toneladas nas duas safras anuais. Depois, vem o arroz, com produção média de três mil toneladas. A cana-de-açúcar tem uma produção aproximada de 64 mil toneladas, segundo o supervisor da Emater.

Um dos maiores problemas enfrentados no município é a escassez da mão-de-obra rural. Cloves Barbosa afirma que as empresas Aracruz absorvem praticamente toda a mão-de-obra existente.



Clóvis Barbosa Oliveira é supervisor local da Emater

produtores preocupados e com certo temor em investir na produção.

Diversificação

Conforme Cloves Barbosa, a Emater vem trabalhando em Aracruz com a diversificação agrícola. Nos três últimos anos, foram introduzidas no município as culturas da seringueira e da pimenta-do-reino. O supervisor afirma que os resultados dessa diversificação começarão a aparecer a partir deste ano, com a primeira colheita de pimenta-do-reino.

Os distritos estão recebendo atenção especial no setor de obras da Prefeitura de Aracruz. Pelo menos é o que garante o diretor do

Departamento de Obras, engenheiro José Zulmiró Cuzzuol. Ele cita, por exemplo, que Santa Cruz já está com suas obras de pavimentação e drenagem quase concluídas. A área total é de 19 mil metros quadrados. A Vila do Riacho também está em obras, recebendo 12 mil metros quadrados de pavimentação e drenagem.

Na sede, estão sendo reformados os prédios do Departamento de Saúde e do Fórum, que pertencem à Prefeitura. O terminal rodoviário, que é uma das metas da atual administração, já está recebendo serviços de terraplenagem para futuras instalações.

O engenheiro afirma que o município está muito carente em termos de infra-estrutura. Por isso, seu departamento tem que atacar de frente nos projetos de pavimentação, drenagem e esgotos nos distritos e bairros. Além disso, faltam creches e escolas. Estradas e pontes têm que ser construídas.

Algumas dessas obras já estão em andamento: A Escola de Itaparica, no distrito de Santa Cruz, com área de 72 mil metros quadrados, está em vias de conclusão. A creche do Bairro Limão, com 220 metros quadrados de área construída, também deverá ser entregue à comunidade.

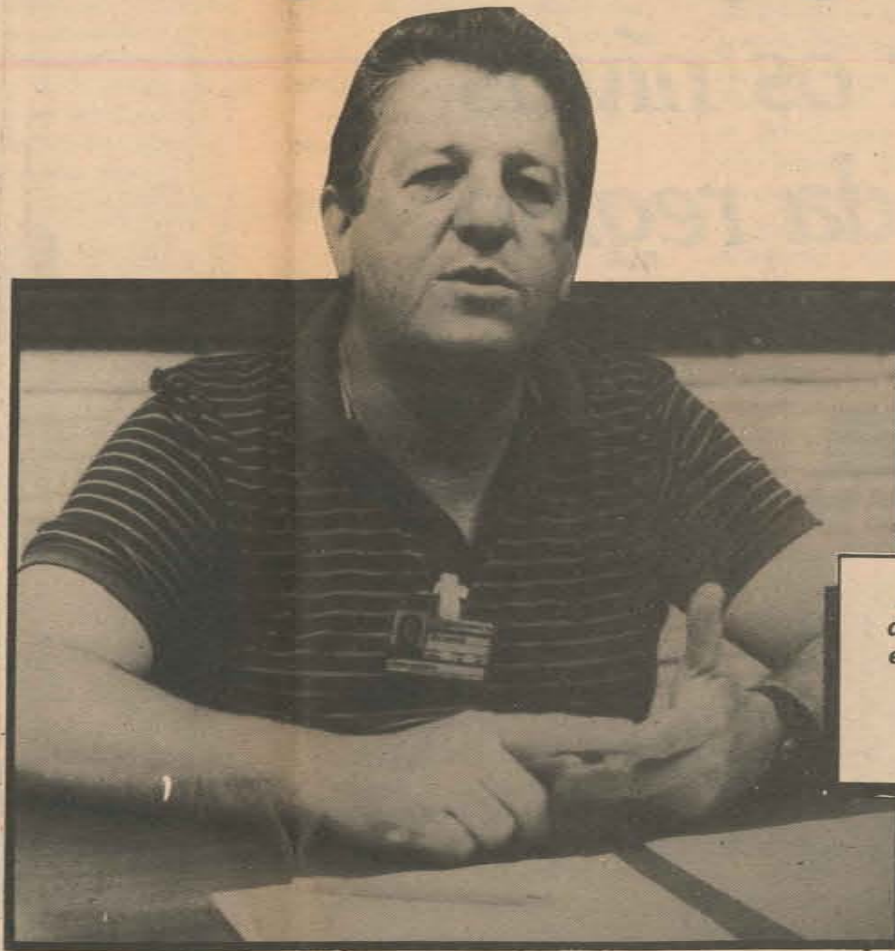
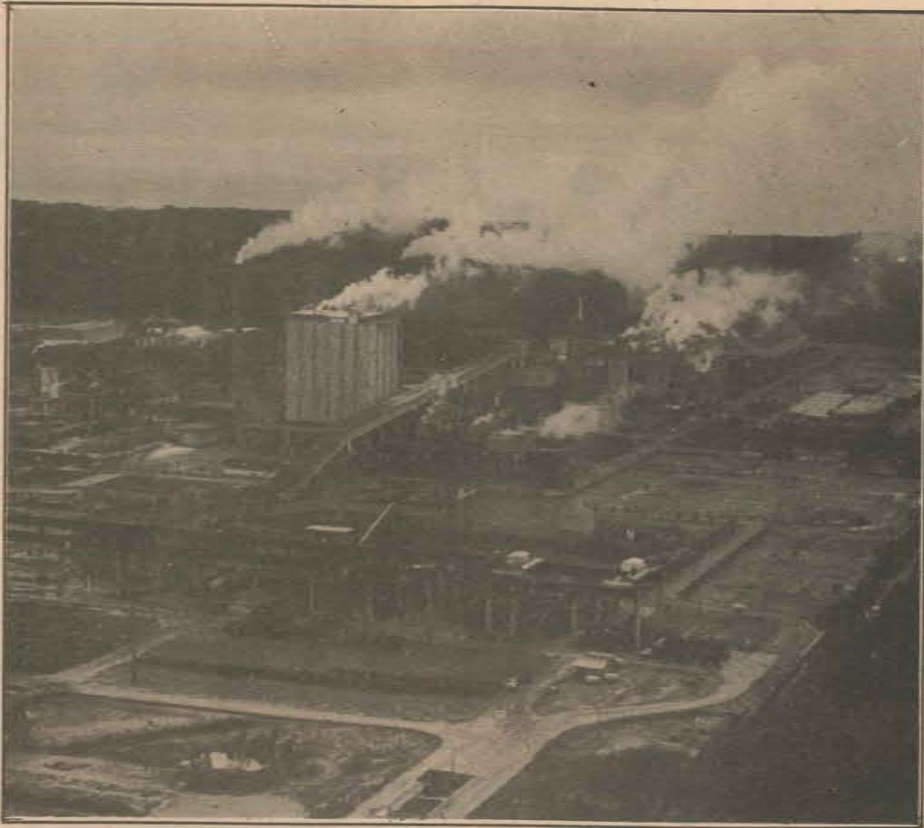
O bairro Bela Vista terá, em breve, pavimentação, drenagem, esgoto e instalações de tratamento, segundo o engenheiro. A avenida Venâncio Flores, no Bairro Guaxin-

diba, será pavimentada até o parque de Exposições. O diretor do Departamento de Obras garante também que será construído os Postos de Serviços Municipais em Barra do Riacho e Jacupemba, além de creches em Novo Jequitibá e Vila do Riacho. Quadras poliesportivas também estão nos projetos da Secretaria para os bairros Jequitibá, Santa Rosa e Vila do Riacho.

Além disso, o secretário garante que será construído o Entrepasto de Pesca da Barra do Riacho, em convênio com a Secretaria Estadual de Agricultura. Na parte de pontes e estradas vicinais, o engenheiro esclarece que estas obras obedecerão a uma escala de prioridades, já que são inúmeros os requerimentos já enviados pelas comunidades à Secretaria.

educativas. Ele confessa, no entanto, que a saúde e todo o seu sistema não atingiram o ideal. "Ainda falta muita coisa. Mas, no município, a saúde é uma propriedade", conclui.

Metade da população depende do grupo Aracruz



“Não existirão bolsões de pobreza onde o grupo Aracruz estiver”, garante o diretor-executivo da Aracruz Florestal, Luiz Soresini. Ele explica que o grupo tem por filosofia a humanização do empregado, ou seja, dar boa qualidade de vida, alimentação, habitação, transporte, assistência à saúde e treinamento. Isso tudo, segundo o diretor, é estendido também aos dependentes. Portanto, os benefícios que os 7.200 empregados recebem acabam englobando cerca de 30 mil pessoas, ou seja, a metade da população de Aracruz. Além disso, Soresini acentua que a comunidade também se beneficia, porque o grupo tem vários cursos e treinamentos para quem se interessar.

Saúde

Soresini lembra que, quando a Florestal se instalou no município, 97% da população tinham pelo menos três tipos de verminose. A partir daí foi feito todo um trabalho de medicina preventiva. A empresa levou um médico para a cidade, já que por lá não havia nenhum. “Nós bancamos toda a assistência do Inamps durante quatro anos”. O

Luiz Soresini destaca a força econômica das empresas Aracruz na região

diretor explica que o trabalho por ali começou mesmo da base, dando identidade ao homem. “Ninguém tinha Carteira de Trabalho ou outro documento. Fizemos o homem virar cidadão. Regularizamos os casamentos para que os dependentes também tivessem os mesmos direitos do empregado”.

Outro passo foi a preparação do indivíduo para o trabalho, com alimentação adequada e suplementação alimentar (com frutas e leite), equipamentos de proteção individual e treinamento. “O homem entra sem qualificação e sai profissional. E isso é o espelho para toda a sociedade”.

Através do setor de treinamento são efetuados cursos profissionalizantes para os empregados e a comunidade. Segundo Soresini, praticamente todas as áreas são atendidas. Há cursos desde corte e costura — até de economia doméstica, bombeiro-hidráulico, marcenaria e mecânica. “A empresa pretende suprir a falta de profissionais na comunidade”, resume Soresini.

Além disso, o grupo mantém duas escolas, a Ativa e uma pública. O problema habitacional, um dos maiores do município é atacado através da construção de núcleos habitacionais. Hoje existem três conjuntos habitacionais: em Aracruz (sede), na Barra do Sahí e em Coqueiral.

Segundo Soresini, foi o grupo Aracruz quem introduziu a tecnologia no município, principalmente na parte agrícola, biológica e genética. Explica que há um monitoramento constante dos nutrientes do solo, na sua adubação e no desenvolvimento das árvores. Na parte de biotecnologia genética são criadas plantas híbridas e sintéticas que convivam bem com o meio ambiente. Também foi desenvolvido um estudo sobre a clonagem do café e o combate às pragas, como a formiga. Todas essas técnicas, conforme Soresini, são

Município cresceu na esteira das empresas

A

s empresas Aracruz impulsionaram o desenvolvimento do município, avalia o diretor-executivo da Aracruz Florestal,

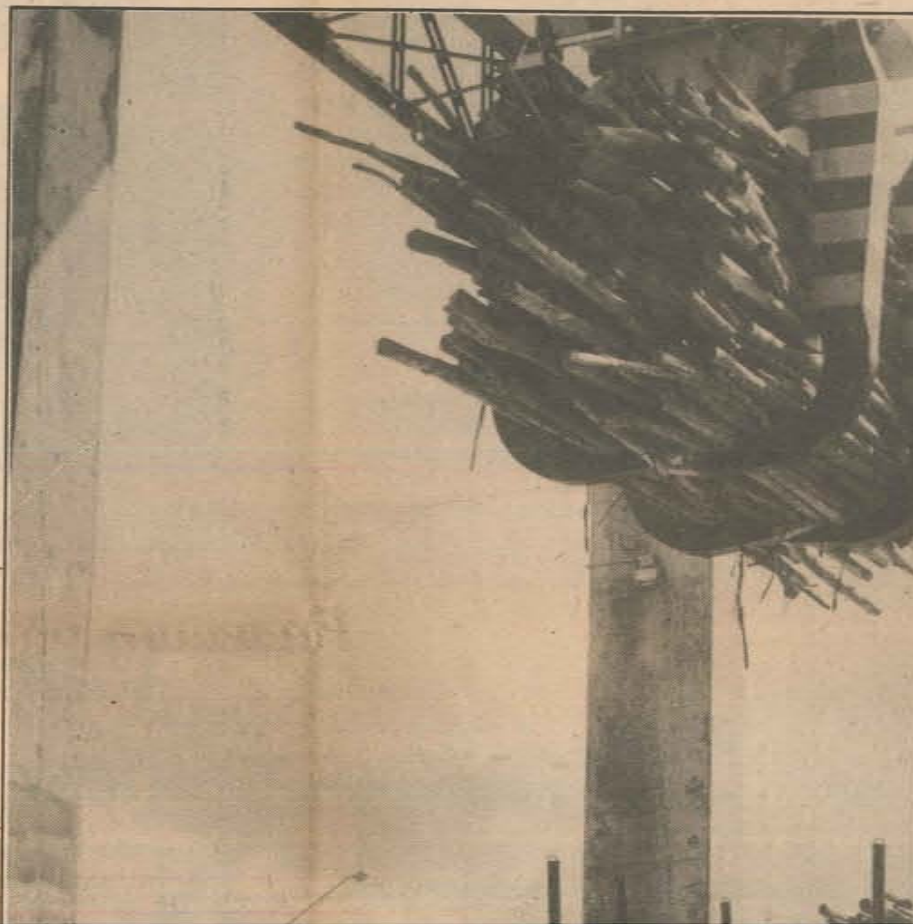
Luiz Soresini. Ele lembra que em 1967 a cidade era decadente, sem nenhuma infra-estrutura e a base de sua economia — a madeira e o café — estava sem perspectivas. Com a devastação das matas, as 42 serrarias do local não tinham mais matéria-prima, a madeira. O café, o principal produto agrícola, estava erradicado, lembra Soresini.

“Quando chegamos em Aracruz, o solo estava degradado e não havia alternativa tecnológica para a agricultura”. Além disso, Soresini lembra que não havia médico e quando a BR-101 foi deslocada do centro da cidade para o local onde se encontra, o próprio comércio quebrou. “Não havia mais base de troca”.

a Aracruz Celulose contribuiu com US\$ 3,5 milhões de ICM (Imposto de Circulação de Mercadorias), quando arrecadou US\$ 1 milhão de ISS (Imposto Sobre Serviços) e, neste ano, deverá gerar US\$ 1,2 milhão só de ISS. Soresini lembra que em 67, quando a Florestal foi implantada, a preocupação da empresa era absorver a mão-de-obra local e trazer os nativos para o seu lugar de origem, dando-lhes condições para que pudessem produzir boa alimentação, medicina preventiva e identidade própria.

Em 72, foi criada a Aracruz Celulose. E, em 73-74, foi concluído o projeto floresta-fábrica-porto. Em 78, a fábrica foi inaugurada com uma produção de 400 mil toneladas/ano de celulose. Em 86, a produção já atingia 475 mil toneladas e, no ano passado, passou para 492 mil toneladas. Agora, com a expansão da fábrica, a meta, segundo Soresini, é atingir, a partir de 1991, 1 milhão e 100 mil toneladas.

O diretor afirma que o reflorestamento de eucalipto da Aracruz Florestal atinge hoje a 82 mil hectares, o que significa quase 100 milhões de árvores. Desse



agricultura". Além disso, Soresini lembra que não havia médico e quando a BR-101 foi deslocada do centro da cidade para o local onde se encontra, o próprio comércio quebrou. "Não havia mais base de troca".

Processo econômico

O diretor-executivo avalia que o município não teria sobrevivido sem a presença das empresas Aracruz. Além de absorver 7.200 empregos diretos, que beneficiam cerca de 30 mil pessoas (a metade da população de Aracruz) se forem contados seus dependentes, as empresas são as maiores contribuintes de impostos do município e do Estado. Soresini lembra que só no ano passado

Soresini, é atingir, a partir de 1991, 1 milhão e 100 mil toneladas. O diretor afirma que o reflorestamento de eucalipto da Aracruz Florestal atinge hoje a 82 mil hectares, o que significa quase 100 milhões de árvores. Desse total, cerca de 30 mil árvores são cortadas por dia. Soresini afirma que são plantados 14% a mais do que se colhe. Soresini avalia que o reflorestamento de eucalipto é uma opção econômica e que outra cultura não permite a mesma reversão. Além de ser uma espécie que se desenvolve com muita rapidez, já que em sete anos está apta para o corte, permite que o solo se recomponha com todas as qualidades necessárias.



na sua adubação e no desenvolvimento das árvores. Na parte de biotecnologia genética são criadas plantas híbridas e sintéticas que convivam bem com o meio ambiente. Também foi desenvolvido um estudo sobre a clonagem do café e o combate às pragas, como a formiga. Todas essas técnicas, conforme Soresini, são repassadas para a comunidade e a Emater. Soresini cita alguns números para resumir o que o grupo Aracruz representa para a comunidade. Em 1960, a penas 1,3% da população tinha trabalho permanente. Em 70, esse índice subiu para 20,5%, em 80, para 60%. O grupo gasta em saúde cerca de US\$ 2,7 milhões, em habitação, US\$ 2,8 milhões e em alimentação US\$ 3,1 milhão. Nada nada, segundo Soresini, são investidos US\$ 18 milhões para atender a política social da empresa. Só em folha de pagamento são gastos US\$ 5 milhões em toda a região. Além disso, a comunidade se beneficia de trabalhos de infra-estrutura, como o asfaltamento da BR-101 até a Barra do Riacho, que foi feito pelo grupo para o melhoramento do tráfego.

Produção chegará a 1 milhão de toneladas/ano de celulose

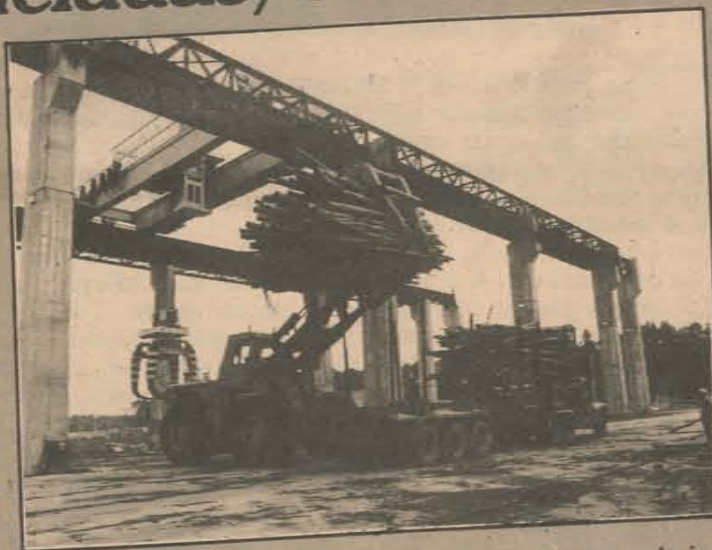
As obras do projeto de expansão da Aracruz Celulose, que farão com que a produção da indústria atinja um milhão de toneladas por ano, serão concluídas no primeiro trimestre de 1991. Mais da metade das obras físicas já foi concluída e o cronograma de implantação está em dia.

A Aracruz é hoje o maior fornecedor de celulose para as fábricas brasileiras de papel e um dos grandes exportadores mundiais. Essa indústria faz do município de Aracruz o maior produtor nacional de celulose.

A empresa é um dos principais contribuintes de impostos para os cofres públicos, de forma direta e indireta. Ela calcula que os impostos indiretos gerados por serviços e compras que realiza no Estado se equiparam aos impostos indiretos em volume de receita.

Em seu projeto de expansão, a Aracruz está adotando o mesmo critério que aplicou na construção da fábrica atual, custeando toda a infra-estrutura necessária, o que acabou fazendo do município de Aracruz um pólo alternativo de desenvolvimento, permitindo a desconcentração da Grande Vitória.

A empresa começa a implantar neste ano um programa de infra-estrutura social,



um investimento de NCz\$ 15 milhões. Através dele serão construídas escolas profissionalizantes, hospitais, postos médicos, centros de recreação e lazer em Aracruz e em outros municípios onde a empresa desenvolve as atividades.

A Aracruz construiu toda a infra-estrutura necessária ao funcionamento da atual etapa do empreendimento, instalando um porto especializado em celulose, sistema de abastecimento de água, um bairro residencial e abriu 4,5 mil quilômetros de estradas florestais, que também são usadas pela população dessas regiões.

Meio ambiente

Em 1975, quando foi concebido o projeto industrial da Aracruz Celulose, não ha-

via ainda no Brasil uma legislação sobre meio ambiente. A empresa resolveu então adotar os padrões americanos e escandinavos, os mais avançados do mundo àquela época e por serem aqueles países os principais produtores mundiais de celulose.

Na fábrica atual foram investidos 50 milhões de dólares em equipamentos de controle ambiental. Agora, com o projeto de expansão, estão sendo investidos mais 66,8 milhões de dólares, visando incorporar as novas tecnologias desenvolvidas nos últimos dez anos. A soma desses recursos equivale ao custo da Terceira Ponte, entre Vitória e Vila Velha.

Segundo a empresa, seu nível de controle ambiental

atende à legislação de qualquer país do mundo.

No setor florestal, o controle ambiental também é altamente sofisticado. A empresa diz que, por depender da natureza, precisa tratá-la como uma parceira. Mais de 20 por cento das terras da Aracruz são ocupados por áreas de preservação permanente, que entrecortam os eucaliptais. Além disso, para suplementar a alimentação da fauna da região, existe um programa de plantação de árvores frutíferas. Não se usa agrotóxico. O controle de insetos daninhos é feito através dos seus inimigos naturais.

A caça é proibida nas florestas da empresa, que são consideradas pelo Instituto Nacional de Meio Ambiente e Recursos Renováveis refúgio de animais nativos.

Por serem florestas renováveis, os eucaliptais da Aracruz produzem mais oxigênio do que consomem em sua atividade fotossintética. O fruto do eucalipto e de outras árvores, como o jacarandá e a peroba, não atrai a fauna por não ser comestível, porém o sub-bosque, que se forma à sua sombra, é rico em alimentos. As plantações de fruteiras também são importantes na suplementação da alimentação da fauna na região, bem como as áreas de preservação.

Diminuição dos problemas sociais reduz os níveis de violência da região

O município de Aracruz é pacato e sem violência. Pelo menos é assim que avalia o coronel Ezequiel Celante, comandante do 5º Batalhão de Polícia Militar, instalado em Aracruz. Ele justifica que apenas 1% da população está abandonada e que o restante, 99%, está amparados pelas empresas Aracruz. Na visão do coronel, isso diminui os problemas sociais e o índice de violência, porque o cidadão tem suas necessidades básicas supridas. Ele cita que em maio, por exemplo, houve somente um caso de homicídio e um furto em um estabelecimento comercial.

De qualquer forma, Aracruz é uma cidade onde se nota um policiamento ostensivo nas ruas. A presença da PM é notada em quase todas as esquinas. O comandante informa que são 180 homens diariamente nas ruas desde que foi inaugurado o 5º Batalhão. Antes o destacamento era de apenas 15 horas. Por isso, o índice de violência diminuiu em torno de 70%, na avaliação do comandante. "O trabalho da PM é preventivo", afirma.

O maior problema do municí-



Celante diz que população tem supridas necessidades básicas

pio, na visão de Celante, é na orla de Aracruz, onde estão aglomerados cerca de 5.200 "peões" das empresas Aracruz que moram nos alojamentos. Mas com o trabalho preventivo, afirma, a orla já é outra. O coronel afirma que não é nada fácil para a PM fazer esse tra-

balho, principalmente com os peões que chegam, achando que Aracruz é a solução de todos os problemas. O comandante avalia que nem todos esses trabalhadores não-qualificados conseguem se empregar. E é aí que a PM tem que atuar para evitar que a criminalidade se acentue.

É por isso que o 5º Batalhão vai começar a atuar também na formação de 60 soldados, que farão parte do quadro permanente. A partir daí, na visão de Celante, a "tendência da criminalidade é diminuir ainda mais". Na sua avaliação, o município, que tem a maioria da população empregada e com assistência social e médica para todos os dependentes, não tem muitos casos de violência, porque não há desocupados pelas ruas. "Aqui é muito diferente da periferia da Serra, por exemplo, onde há um aglomerado de marginais se escondendo nas regiões das invasões. Os problemas sociais por lá são muitos, com muita miséria e desemprego". O comandante afirma que em Aracruz "não há bolsões de pobreza como nas periferias da Grande Vitória".



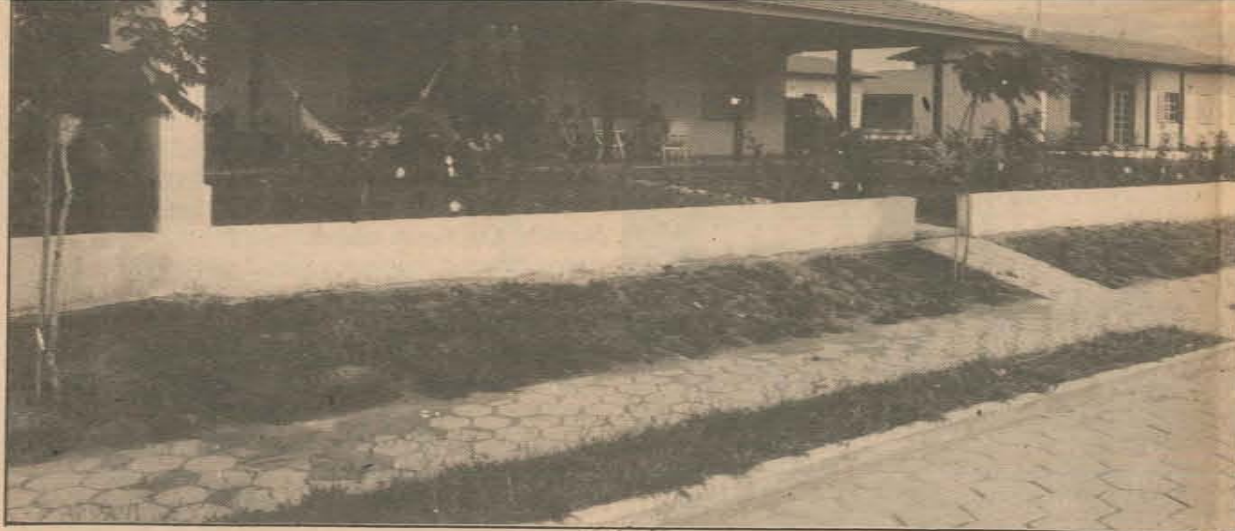
A rodoviária identifica diariamente um movimento intenso de passageiros

Viação Caboclo Bernardo, desconforto e superlotação

Nada fácil para quem depende dos coletivos da Viação Caboclo

A dona de casa reclama especialmente da superlotação e da demora dos ônibus. "Se a





Em parte, a Aracruz resolveu o problema, construindo conjuntos habitacionais como este

Falta de moradias eleva o preço dos aluguéis em 700%

Um dos maiores problemas que se enfrenta em Aracruz, hoje, é a falta de opções de moradia. Não há praticamente imóveis nem para se comprar nem para alugar. Nas imobiliárias, a procura chega a ser 90% superior à oferta. Com isso, os preços dispararam. Os imóveis para aluguel subiram em torno de 700% e para compra em cerca de 900%, segundo os sócios da Aracruz Imóveis, José Fernando Rós e Ézio Silva Eliseo.

Os empresários afirmam que a explicação para este fenômeno é muito simples. A cidade não estava preparada para a expansão da Aracruz Celulose e não tem estrutura para receber o grande fluxo de migrantes. Por outro lado, afirma

Ézio Eliseo, 60% do território físico do município pertencem às empresas Aracruz e a famílias tradicionais.

Sem opções

Hoje, para se conseguir alugar um imóvel em Aracruz o pretendente tem que entrar na fila. Segundo os sócios da Aracruz Imóveis, para cada imóvel, há pelo menos seis clientes certos. E aí é feito um critério de seleção para a escolha de apenas um. A dificuldade é tão grande para se conseguir uma moradia que os clientes nem pechinham o preço. José Fernando Rós informa que os preços dos aluguéis estão equiparados com os de Vitória e uma casa no centro de Aracruz de dois quartos sem suíte

está em torno de NCz\$ 400,00.

Também não há opções para se comprar nenhum imóvel, segundo os empresários. As vendas estão retraídas em função da política econômica do governo federal. "Quem tem um imóvel aqui não vende, porque sabe que não conseguirá outro para alugar. Quem tem mais de um também não vende, porque não sabe onde investir o dinheiro", afirma José Fernando.

Para piorar a situação, no centro da cidade há apenas um prédio em construção. Também não há conjuntos habitacionais em construção e, segundo o subgerente da Caixa Econômica Federal, João Batista, os financiamentos continuam fechados até nova determinação do governo federal.



A falta de moradias é um problema sério que a população de Aracruz enfrenta hoje. Os preços dos aluguéis dispararam. Tudo em função do projeto de expansão das empresas Aracruz

desconforto e superlotação

Nada fácil para quem depende dos coletivos da Viação Caboclo Bernardo, a única que opera a linha da sede do município a Vila do Riacho, percorrendo toda a orla de Aracruz. São pelo menos duas horas de viagem, com muito desconforto, superlotação, passageiros reclamando o tempo todo e ônibus que circulam somente a cada duas horas. "A situação aqui vai de mal a pior", define o passageiro Jail Consínio, pedreiro, que é do tipo que prefere arriscar em pegar uma carona do que "sofrer tanto" nesses coletivos.

Se não bastasse o desconforto, quem mora na Barra do Sahí ou na Vila do Riacho não pode contar com o transporte coletivo após às 19 horas. Aos domingos, explica Jail Consínio, "a gente espera de duas a três horas para conseguir entrar num ônibus". Segundo ele, às vezes é preferível nem sair de casa para não se aborrecer.

Caos geral

Maria Aparecida Pereira,



Jail Consínio é usuário

dona de casa e moradora da Vila do Riacho também só tem críticas a fazer contra a viação Caboclo Bernardo. Segundo ela, que sempre enfrenta essas viagens com seus dois filhos, a situação está ficando cada vez mais caótica em função do aumento do fluxo de pessoas que estão sendo atraídas pela expansão da Aracruz Celulose. "Tem dia que meus filhos são quase pisados dentro dos ônibus. A gente sofre muito", reclama ela.

A dona de casa reclama especialmente da superlotação e da demora dos ônibus. "Se a gente perder o das 14h30m, só tem outro ônibus às 16h30m. São duas horas que a gente tem que esperar de pé no ponto de ônibus". Dona Maria explica que sempre foi assim para quem depende desta viação. "Não tem nem portamalas para a gente trazer as compras que faz na cidade", reclama.

Para o pedreiro Jail Consínio, é necessário que a Viação Caboclo Bernardo coloque mais ônibus para circular e mude os itinerários. Na sua opinião, os ônibus deveriam fazer o retorno por Coqueiral. Outra sugestão deste passageiro é que já há necessidade de se ter uma espécie de "circular", fazendo a linha Santa Cruz-Coqueiral, de 15 em 15 minutos, porque, afinal, a população cresceu e estes são os dois locais que não podem mais ficar descobertos de coletivos. "Não podemos mais depender dos ônibus que vão até a Vila do Riacho, porque perdemos duas horas esperando nos pontos de ônibus".

Câmara conta hoje com dezessete vereadores

A Câmara conta hoje com 17 vereadores. São quatro do PDS: Lino Antônio Piona (presidente), Hêlcio Ângelo de Jesus, Clarídio Coutinho e André Sebastião Carlesso. Do PFL são: Gilberto Pinheiro (vice-presidente), Rogério Pasolini (líder do prefeito), Carlos Roberto Bermudes Rocha e Valdir Vieira. Do PMDB são: Gilberto Furieri, José Ângelo Coutinho Devens, Ismael Fernandes, João Favalessa e Zezinho Atilio Scopel. Do PDT estão:

Ary Cabral da Silva Júnior e Iramar Foreche. O representante do PL é Antônio Dárcio Barcellos, e do PMC, Luiz Carlos Coutinho.

Comissões

Atualmente, são seis comissões formadas na Câmara. A de Justiça e Redação, composta por Clarício Coutinho, André Sebastião Carlesso e José Ângelo Coutinho Devens. A de Finanças e Orçamento, por

Gilberto Luiz Pinheiro, Clarício Coutinho e Ismael Fernandes de Almeida. A de Outorga de Títulos de Cidadania por Gilberto Furieri, Carlos Roberto B. Rocha e Antônio Dárcio Machado Rangel. De Turismo e Lazer por Rogério Amorim Pasolini, Ary Cabral, Luiz Carlos Coutinho. De Saúde, Luiz Carlos Coutinho, Rogério Amorim Pasolini e Zezinho Scopel. Na Educação estão José Ângelo Coutinho Devens, Ary Cabral e Waldyr Vieira.

Empresas contratam e tiram os menores das ruas

Os menores não estão abandonados nas ruas e praças de Aracruz, pelo menos na sede do município. Não se vê meninos de rua esfomeados perambulando por lá. É que está em andamento o Programa do Bom Menino, que foi criado através de decreto federal, de 23 de agosto de 1986. Este programa prevê o cadastramento de menores que são encaminhados às empresas. Hoje, 400 menores estão cadastrados, dos quais 76 estão trabalhando e recebendo meio salário com a obrigação de estudar.

Dos 76 menores, 34 trabalham na Aracruz Florestal, 22 na Aracruz Celulose e outros dez estão espalhados em bancos e empresas menores. A única exigência para a criança se cadastrar é que esteja matriculada e que trabalhe meio período. Em contrapartida, as empresas que assistem os menores ficam isentas de encargos sociais.

Quem tem sustentado a existência deste programa no município são as empresas Aracruz. Segundo a coordenadora de Treinamento da Aracruz Florestal, Mara Barcelos Crevelino, 50% dos menores assistidos pela empresa estão trabalhando nos viveiros e o restante está distribuído na área de informática, como digitadores, arquivo e atendimento de público e mensageiros.

Mara explica que a empresa dá transporte, alimentação, assistência médico-ambulatorial, roupa de trabalho, medicamentos e acompanhamento social do menor e de sua família. Depois que foi constatado o alto índice de reprovação (no ano passado, dos 35 menores assistidos, 23 ficaram reprovados), a empresa tomou nova postura. Segundo Mara, foi instituída a caderneta escolar, onde o se-



Em Aracruz não existem menores abandonados nas ruas. Através do Programa Bom Menino, as empresas contratam as crianças, dando-lhes trabalho, alimento, educação, roupas, transporte e assistência médica. Segundo Mara Barcelos, da Aracruz, o desempenho escolar deles tem acompanhamento

tor de treinamento faz um acompanhamento do rendimento escolar do aluno.

Conforme o chefe da divisão de treinamento, Roberto Machado, não adianta só dar alimentação, estudo e trabalho ao menor. Por carência, a criança tem que ser acompanhada de perto, num processo que se envolve também a família. "A gente tem cobrado uma postura mais madura por parte dos menores assistidos", conclui.

Os menores que seguem à risca todas as normas e se adaptam ao trabalho têm chances de permanecer no quadro de funcionários da empresa.



No próximo ano, primeira faculdade

A partir do próximo ano, Aracruz contará com uma Faculdade de Ciências Contábeis, com setor de informática, e deverá oferecer, inicialmente, 80 vagas. A autorização para o funcionamento desta faculdade veio através de decreto-lei do presidente Sarney. Mas, segundo Maria da Penha Stelzer, presidente da Fundação Educacional São João Batista, o único problema da faculdade é que não há local para a sua instalação, uma vez que o prédio da Fundação está ocupado pelo governo do Estado

com uma escola de 1º e 2º graus. O início das aulas estava previsto para agosto deste ano, mas o primeiro vestibular foi adiado para janeiro e os editais deverão ser publicados em novembro. A escola superior dispensará o tradicional método de sistema de ano letivo, ficando regida pelo método mais moderno de crédito por semestralidade.

Para a presidente da Fundação, seria um crime apressar o funcionamento da Faculdade de Ciências Contábeis de Aracruz, deixando sem lugar a Escola Monsenhor Schimidt. É que esta

escola de 1º e 2º graus tem 2.684 alunos, distribuídos em 64 turmas. O prédio, situado no centro da cidade, está para ser devolvido pelo Estado há dois anos e necessita de ampliação para receber a Faculdade. "Mas, desta vez, se não conseguirmos outro local para a escola superior, a de 1º e 2º graus, infelizmente, terá que reduzir, no próximo ano, as suas turmas", afirma Maria da Penha.

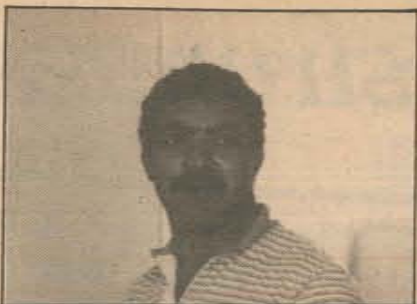
Situação educacional

O município de Aracruz pos-

sui hoje 82 escolas, entre municipais, estaduais e somente uma particular, segundo a diretoria do Departamento de Educação, Terezinha Isabel Pimentel Modenesi. Os maiores problemas, segundo ela, são os mesmos detectados em todas as escolas públicas, falta de assistência familiar, falta de merenda escolar e de material escolar. Além disso, segundo ela, os professores reclamam dos baixos salários e os alunos, ao completarem o 2º grau, ficam revoltados quando não conseguem arrumar emprego.

Procura por empregos é crescente, diz Magalhães

Aracruz possui em torno de 6.000 pessoas desempregadas ou subempregadas. Mas em função da expansão da Aracruz Celulose, a tendência é aumentar a oferta de emprego no município. A avaliação é do coordenador do Serviço de Informações e Emprego de Aracruz, Roberto Magalhães. Ele afirma que hoje a oferta de empregos é 30% menor do que a procura. Cerca de 95% da mão-de-obra são absorvi-



umentar a oferta de emprego no município. A avaliação é do coordenador do Serviço de Informações e Emprego de Aracruz, Roberto Magalhães. Ele afirma que hoje a oferta de empregos é 30% menor do que a procura. Cerca de 95% da mão-de-obra são absorvidos pela expansão da Aracruz Celulose.

Roberto Magalhães afirma que há mais empregos para homens na construção civil. De cada mil pessoas que procuram emprego, de 40 a 50 conseguem se empregar através do Serviço de Informações e Emprego. Para a mulher, a situação é muito mais complicada, avalia o coordenador. Só existem opções para domésticas, faxineiras, secretárias, telefonistas e enfermeiras. Para os menores não há empregos, informa ele.

A maior procura é para a área urbana Roberto Magalhães afirma que as pessoas preferem trabalhar para as empresas Aracruz do que se empregar



Magalhães, Serviço de Emprego

no meio rural. A procura para emprego agrícola não chega a 10%. O coordenador acredita que não há divulgação por parte dos agricultores e, devido à assistência social que as empresas Aracruz dão a seus empregados, as pessoas procuram vagas por lá.



Maria Stelzer, da Fundação Educacional, e Terezinha Modenese, da Secretaria Municipal de Educação



Hortão vai abastecer as creches e escolas

Para abastecer uma creche e um asilo e reforçar a merenda escolar, a Secretaria da Agricultura de Aracruz está implantando um hortão numa área de cinco hectares, inicialmente com o plantio de mil pés de tomate e pimentão, 1.500 de quiabo e alface, 150 metros quadrados de cenoura, cinco mil pés de beterraba e couve, além de três mil pés de repolho. Pretende-se não utilizar qualquer tipo de agrotóxico na área.

A iniciativa faz parte de um projeto que determina também a formação de hortas escolares para manutenção das cantinas dos estabelecimentos de ensino, começando em 15 dias pelo de 1º Grau do Bairro Bela Vista, onde 200 metros quadrados serão cultivados com cenoura, baterraba, couve, alface, tomate, abóbora e quiabo. Depois, será a vez da escola de 1º Grau do Bairro Jequitibás.

O projeto do hortão municipal de Aracruz é semelhante ao de Cachoeiro de Itapemirim. Para a formação desse hortão, o prefeito Heraldo Musso cedeu terreno da Prefeitura em Vila do Riacho, a 40 quilômetros da sede. A preparação do solo já começou e espera-se que a primeira safra seja colhida nos próximos 150 dias. A expectativa é de uma produção de 16 toneladas de hortaliças por mês.

Além de hortaliças, o terreno preparado em Vila do Riacho receberá árvores frutíferas para proteção natural da área, como laranjas, jaca e goiaba. A produção será destinada as mil crianças de uma creche, 43 internos do asilo municipal e a cinco escolas. Se houver disponibilidade, as famílias carentes da região poderão ser atendidas com os produtos.

No início, só índios e matas

No início só havia os índios e as matas. A história registra que primitivamente o território de Aracruz era habitado pelos temiminós, chefiados pelo histórico cacique Maracaiaguaçu (Gato Grande do Mato). Depois vieram outras tribos, até que em 1556 chegaram os homens brancos com o processo de catequização na antiga Aldeia Nova, hoje Santa Cruz.

O padre Brás Lourenço, auxiliado pelo padre Diogo Jácome, fundou em 1556 um núcleo de catequese para onde atraiu várias tribos de índios, entre elas a do cacique Maracaiaguaçu. Mais tarde, com a fundação da Aldeia dos Reis Magos, a atual Nova Almeida, este núcleo passou a denominar-se Aldeia Velha. Os jesuítas tiveram um papel fundamental na colonização de Aracruz, já que iniciaram todo o processo de catequização.

Aldeia Velha tornou-se distrito em 16 de dezembro de 1837, pela Lei Providencial nº 5. O município foi criado com o nome de Santa Cruz, em 3 de abril de 1848, pela Lei Provincial nº 2. A instalação ocorreu em 16 de janeiro de 1849. Por efeito do Decreto Estadual nº 19, de 18 de março de 1891, concederam-se fo-

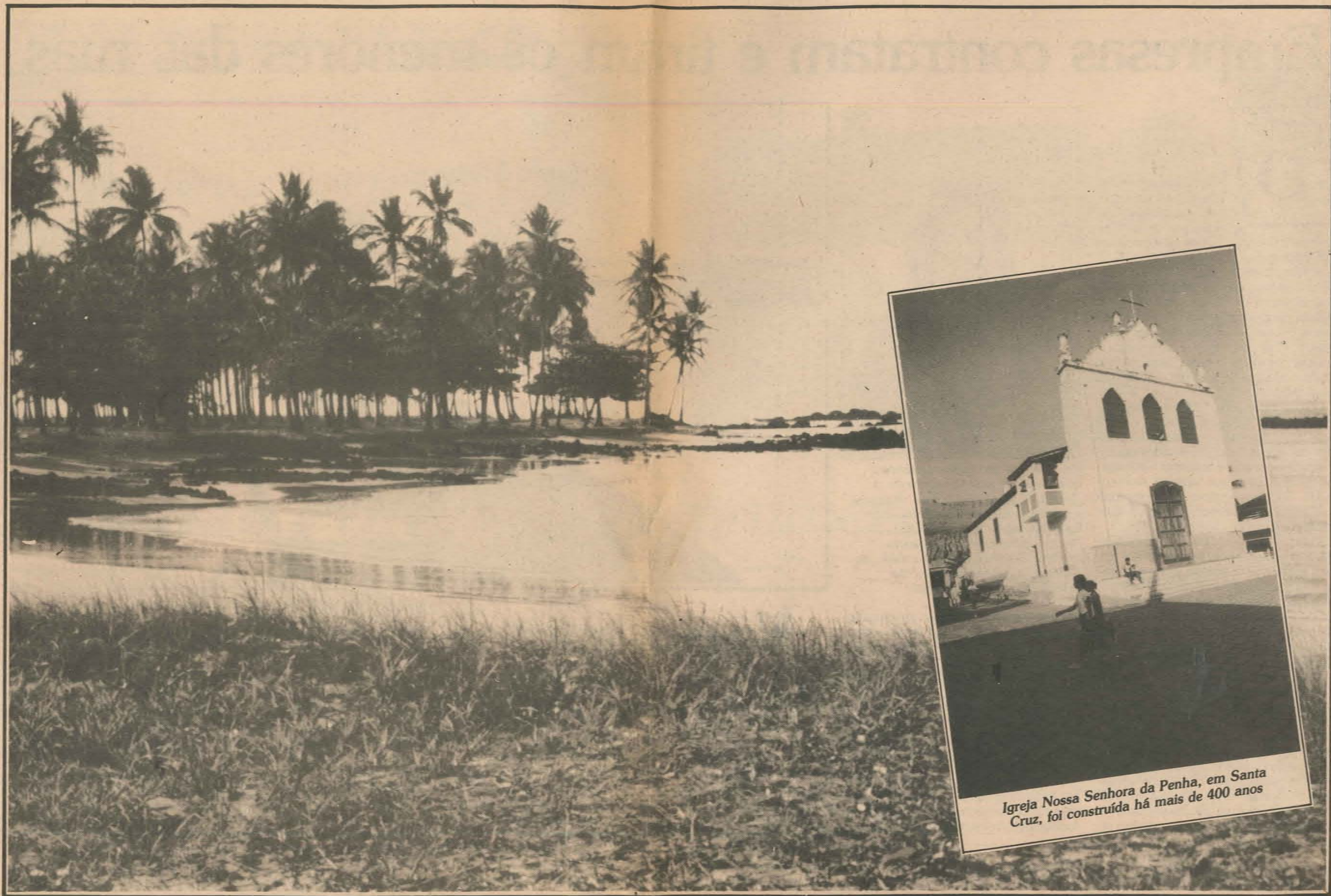
ros de cidade à sede municipal.

Em 1860, o município recebeu a visita de D. Pedro II. O imperador pernitoou em Santa Cruz, onde inaugurou o chafariz público. Naquela visita, D. Pedro deixou como lembrança várias medalhas de bronze e prata, algumas das quais estão na Prefeitura. O imperador prosseguiu sua viagem passando por todo o litoral Norte do município de Santa Cruz.

Em 1891, o município perdeu o território de Conde D'Eu (Ibiraçu). Mais tarde, observando a divisão administrativa estadual e o recenseamento de 1920, criou-se o distrito da sede. Em 1943, uma resolução da Comarca municipal transfere a sede do município para o povoado de Sauassu, com o objetivo de centralizar os poderes públicos locais. Em 31 de dezembro de 1943, através do Decreto nº 15.177, o município e a sede receberam o nome de Aracruz.

Em 1955, chega em Aracruz o cônego Guilherme Schmitz, personagem importante no município, que realizou várias obras, como o ginásio de Aracruz, o Hospital e Maternidade São Camilo. Apoiou a implantação da Aracruz Celulose. O cônego morreu em 2 de janeiro de 1983.





Igreja Nossa Senhora da Penha, em Santa Cruz, foi construída há mais de 400 anos

Aracruz tem várias praias, muitas das quais ainda sem qualquer poluição

Aracruz ainda não tem infra-estrutura turística

A pesar de Aracruz contar com belas praias, algumas ainda agrestes e sem nenhuma poluição, o município ainda não tem nenhuma infraestrutura para atender os turistas. São apenas três hotéis na orla, um camping com toda infraestrutura na Praia do Putiri. Mas no verão, é cultivado por muitos visitantes, o turismo alternativo, com campistas se espalhando por todo o litoral, principalmente na praia do Coqueiral.

Para quem vai de Vitória, uma das primeiras praias que se avista é a Formosa, no KM 35 da Rodovia ES-10, com 12 quilômetros de extensão, com muitos recifes, arenitos ferruginosos e toda a praia sombreada por enormes coqueiros. Neste local está instalada a colônia de férias do Sesc, com área de camping.

Depois tem a Praia da Sauna, com extensa área arborizada com coqueiros. As águas são lípidas e de temperaturas mornas, com abundância de algas. As areias tem alto teor radioativo e arenitos ferruginosos. Tem ainda a Praia dos Padres, de águas claras e tranquilas, formando ondas em alguns trechos. O local é pouco arborizado. Nesta praia há trechos com muitos recifes e ostras.

A Praia do Putiri também é uma boa opção, principalmente para os que gostam de acampar com infraestrutura. No local está presente o Camping Clube do Brasil. Ainda é rica em Mata Atlântica, em algas e fauna marinhas e com a vantagem de possuir águas transparentes. Há trechos com rochas e por lá só têm casas de veranistas. Não há nenhuma poluição no local.

A Barra do Sahí também é uma boa opção para quem quer tran-



A Fonte do Caju, de água própria para consumo

quilidade. Com formato de enseada, costuma encantar seus visitantes pela paisagem agreste. Suas areias tem grossa coloração amarelada. Suas águas são mais escuras, porque tem dois rios que desembocam em suas águas. Neste local não há nenhuma espécie de urbanização e muito menos infraestrutura. Portanto, é necessário ir bem preparado para passar o dia por lá. É também em Barra do Riacho que se comemora a única festa religiosa do município. É a

festa de Iemanjá, no dia 31 de dezembro, com muitas romarias e pagamento de promessas.

Na Barra do Riacho tem a praia das Conchas, com vegetação de restinga. Por lá, a boa opção é dos pescadores, já que é abundante em cação e camarão sete barbas.

Em Santa Cruz, tem a Praia Fluvial (Rio Piraquê), com seus manguezais, de águas salobras, turvas e de temperatura morna. Neste local tem infraestrutura de hotel, restaurantes e bar.

No Monte Serrat, a ermida

Para quem não curte praia há outras opções ainda bastante desconhecidas em Aracruz. Há por exemplo, o Morro do Pelado ou Monte Serrat, com mais de 1000 metros de altura e que permite saltos de asa delta. No alto deste morro existe a Igreja do Monte Serrat, uma ermida em que cabem, no máximo, cinco pessoas em pé. Esta capela foi construída em 1933. Além disso, do alto do morro avistam-se todas as praias, a cidade de Aracruz e a fábrica da Aracruz Celulose.

O único problema é que para

se chegar ao topo do morro, a subida é somente a cavalo ou a pé. De qualquer forma, para os interessados, o Morro do Serrat fica a cinco quilômetros da Rodovia Aracruz-Guaraná, entrando à esquerda, com acesso de mais três quilômetros até o morro.

Em Santa Cruz há a Igreja de Nossa Senhora da Penha, cuja origem vem dos primórdios de 1555. Construída pelos jesuítas, fica em frente à praça-matriz. Em seu interior há um altar de madeira, esculturas e quadros que enchem a Paixão de Cristo. É lamen-

tável que a reforma efetuada em 1970 tenha descaracterizado parte do interior da igreja, principalmente o teto e o chão.

Outro ponto interessante a ser visitado em Aracruz é a Barragem de Santa Maria, construída em 1958 para ser a usina hidrelétrica do rio Piraqueçu. A barragem possui seis metros de profundidade e 10 metros de altura. Por lá ainda existe forte vegetação serrada. Os banhistas que frequentam o local curtem as corredoiras que se formam na barragem.



Bressan disse que é contra qualquer tipo de monocultura

Seama diz que eucalipto não vai causar deserto

“Se o Norte do Estado se transformar num deserto, não será por causa do eucalipto, porque até agora nada ficou comprovado sobre o efeito que este tipo de reflorestamento tem sobre os solos”. A avaliação é do secretário do Meio Ambiente, Almir Bressan, que condena qualquer tipo de monocultura, principalmente quando implantada em áreas extensas, como aconteceu no caso do eucalipto. Hoje, sua Secretaria não pode mais fazer qualquer coisa que impeça a implantação do maciços florestais. “Se pudesse, afirma ele, o projeto florestal não seria aprovado”. Em todo o caso, ele aconselha

que a Aracruz aumente suas reservas de grotas, ricas em espécies heterogêneas, como forma de permitir refúgio a animais e aves. Apesar de considerar que este tipo de monocultura quebra a cadeia alimentar da fauna, admite que o eucalipto não altera o clima nem se constitui numa praga. “O eucalipto é considerado um vilão porque consome muita água e, assim, acentua o déficit hídrico. Mesmo assim, o reflorestamento com a espécie tem vantagens: protege o solo da forte insolação, da erosão provocada pelas fortes chuvas e da compactação pelo emprego de máquinas agrícolas pesadas”, afirma ele.

Bressan acha menos prejudicial a monocultura com eucalipto do que a monocultura do feijão, por exemplo, porque esta, feita duas vezes por ano, mexe muito com os solos. Com ele concorda o diretor florestal da empresa, Luís Soresini. Ele garante que nada menos que 23 por cento das áreas da empresa estão conservadas por matas naturais. São as chamadas áreas de preservação permanente, nas quais é feita fiscalização rigorosa, visando-se coibir principalmente a caça. “Nós temos o interesse em manter viva a natureza porque a nossa matéria-prima depende dela e do seu equilíbrio”, conclui Soresini.

Texto: Linda Kogure
Fotos: Arquivo e Válder Monteiro
Diagramação: Formigão
Edição: Orlando Eller